

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL. 13.1 / 2019



2019

Limite. Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

Revista científica de carácter anual sobre estudios portugueses y lusófonos, promovida por el Área de Filologías Gallega y Portuguesa (UEx) en colaboración con la SEEPLU.
<http://www.revistalimite.es>

CONSEJO DE REDACCIÓN

Director – Juan M. Carrasco González: direccion@revistalimite.es

Secretaría – Maria Luísa Leal / M^a Jesús Fernández García: secretaria@revistalimite.es

VOCALES

Carmen M^a Comino Fernández de Cañete (Universidad de Extremadura)

Christine Zurbach (Universidade de Évora)

Julie M. Dahl (University of Wisconsin-Madison)

Luisa Trias Folch (Universidad de Granada)

M^a da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita (Universidad de Extremadura)

Iolanda Ogando (Universidad de Extremadura)

Salah J. Khan (Universidad de Extremadura)

Teresa Araújo (Universidade de Lisboa)

Teresa Nascimento (Universidade da Madeira)

COMITÉ CIENTÍFICO

Ana Luísa Vilela (Universidade de Évora)

Ana Maria Martinho (Universidade Nova de Lisboa)

António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra)

Antonio Sáez Delgado (Universidade de Évora)

Cristina Almeida Ribeiro (Universidade de Lisboa)

Dieter Messner (Universität Salzburg)

Gerardo Augusto Lorenzino (Temple University, Philadelphia)

Gilberto Mendonça Teles (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Hélio Alves (Universidade de Lisboa)

Isabel Leiria (Universidade de Lisboa)

Isabelle Moreels (Universidad de Extremadura)

Ivo Castro (Universidade de Lisboa)

José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra)

José Camões (Universidade de Lisboa)

José Cândido Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa – Braga)

José Muñoz Rivas (Universidad de Extremadura)

Maria Carlota Amaral Paixão Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

M^a Filomena Candeias Gonçalves (Universidade de Évora)

M^a da Graça Sardinha (Universidade da Beira Interior)

M^a Graciete Besse (Université de Paris IV-La Sorbonne)

Maria Helena Araújo Carreira (Université de Paris 8)

Nuno Júdice (Universidade Nova de Lisboa)

Olga García García (Universidad de Extremadura)

Olívia Figueiredo (Universidade do Porto)

Otília Costa e Sousa (Instituto Politécnico de Lisboa)

Paulo Osório (Universidade da Beira Interior)

Xosé Henrique Costas González (Universidade de Vigo)

Xosé Manuel Dasilva (Universidade de Vigo)

EDICIÓN, SUSCRIPCIÓN E INTERCAMBIO

Servicio de Publicaciones. Universidad de Extremadura

Plz. Caldereros, 2. C.P. 10071 – Cáceres. Tfno. 927 257 041 / Fax: 927 257 046

<http://www.unex.es/publicaciones> – e-mail: publicac@unex.es

© Universidad de Extremadura y los autores. Todos los derechos reservados.

© Ilustración de la portada: Miguel Alba. Todos los derechos reservados.

Depósito legal: CC-973-09 . I.S.S.N.: 1888-4067

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL.13.1 – Año 2019

Naufrajío e Literatura - II

Coordinación
Maria Luísa Leal
José Cândido de Oliveira Martins



Bases de datos y sistemas de categorización donde está incluida la revista:

ISOC y DICE (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), Dialnet, Latindex, CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas).



Juan M. Carrasco González, director de la revista, tiene el placer de anunciar que *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* ha sido aceptada para su indexación en el Emerging Sources Citation Index, la nueva edición de Web of Science. Los contenidos de este índice están siendo evaluados por Thomson Reuters para su inclusión en Science Citation Index Expanded™, Social Sciences Citation Index®, y Arts & Humanities Citation Index®. Web of Science se diferencia de otras bases de datos por la calidad y solidez del contenido que proporciona a los investigadores, autores, editores e instituciones. La inclusión de *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* en el Emerging Sources Citation Index pone de manifiesto la dedicación que estamos llevando a cabo para proporcionar a nuestra comunidad científica con los contenidos disponibles más importantes e influyentes.

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 13.1. – 2019

Naufregio y Literatura - II

SUMARIO / SUMÁRIO

Maria Luísa Leal / José Cândido de Oliveira Martins – Naufrágio e Literatura – II	9-20
Daniel Vecchio Alves – Náufragos do império: a alteridade interrompida na <i>História Trágico-Marítima</i>	21-52
Hélio J.S. Alves – Poesia oceânica: Camões, da navegação ao naufrágio, ante o precedente de Corte-Real	53-81
Tiago Filipe Clariano – Como evitar naufragar no tempo? O naufrágio na <i>Clepsydra</i> de Camilo Pessanha	83-106
Pedro Balauz Custódio – A <i>História Trágico-Marítima</i> : sobrevivência e fertilidade didática no programa e metas curriculares de Português	107-133
Gloria Santana Paula – Um manuscrito anónimo do naufrágio da nau <i>Santo Alberto</i> (1593)	135-157
Leonardo de Barros Sasaki – “ <i>Vozes expulsas pelo medo</i> ”: o diálogo trágico-marítimo de Al Berto	159-178

Testimonios / Testemunhos

Josiah Blackmore – Náufragos presentes e futuros	181-186
Adriana Freire Nogueira/ J. J. Dias Marques – O “Naufrágio do vapor Santarense”: um relato oitocentista	187-202
Christine Zurbach – Doze tópicos para uma edição francesa da <i>História Trágico-Marítima</i>	203-210
João Medina – Naufrágio e identidade nacional	211-216

Varia

Gloria Alinho – Narrando os silêncios: ressonâncias entre literatura e medicina a partir da ficção de Manuel da Fonseca	219-234
Pedro Álvarez-Cifuentes – “Hum nacido infante lusitano”: El <i>Jardim de Fanimor</i> de Diogo Ferreira Figueiroa	235-252
Miguel Ángel Buil Pueyo – Fialho de Almeida, un gran conecedor de la cultura española	253-277

Reseñas / Recensões

- Leonor Martins Coelho** – *Pensardiverso*. Nº 6 – *Identities*.
Revista de Estudos Lusófonos (Direcção Científica de Celina
Martins), Universidade da Madeira e Centro de Estudos
Regionais e Locais, setembro de 2018 281-286
- Xosé Manuel Dasilva** – Luís de Camões, *Comédia Filodemo*,
Genève, Centre international d'Études Portugaises de Genève,
2018, 354 pp. *Edizione critica a cura di Maurizio Perugi* 287-291
- Inês Americano Lopes** – Pombo, Antón. (2018). *Guía do
Caminho Português de Santiago* (1ª edição). Santiago de
Compostela: Através 291-294
- Adriana Martins Frias** – Antonio Sáez Delgado y Santiago Pérez
Isasi, *De espaldas abiertas: relaciones literarias y culturales
ibéricas (1870-1930)*, Granada, Editorial Comares, 2018 295-298
- Normas de publicación / Normas de publicação** 299-303

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 13.1 – 2019

Shipwreck and Literature - II

SUMMARY

Maria Luísa Leal/ José Cândido de Oliveira Martins – Shipwreck and Literature – II	9-20
Daniel Vecchio Alves – Castaways of the empire: the interrupted alterity in Tragic-Maritime Stories	21-52
Hélio J. S. Alves – Oceanic poetry: Camões, from seafaring to shipwreck, faced with Corte-Real's precedent	53-81
Tiago Filipe Clariano – How to avoid a shipwreck in Time? – Shipwrecks in	83-106
Pedro Balau Custódio – The <i>História Trágico-Marítima</i> : survival and didactic fertility in the Portuguese curriculum	107-133
Gloria Santana Paula – An Anonymous Manuscript of the <i>Santo Alberto</i> Shipwreck	135-157
Leonardo de Barros Sasaki – “Voices expelled by fear”: Al Berto and <i>Tragic History of Sea</i>	159-178

Reflections

Josiah Blackmore – Present and future shipwrecks	181-186
Adriana Nogueira / J. J. Marques – “The shipwreck of the steamer <i>Santarense</i> ”: a 19 th century account	187-202
Christine Zurbach – Twelve issues for a French edition of the <i>História Trágico-Marítima</i>	203-210
João Medina – Shipwreck and national identity	211-216

Varia

Gloria Alinho – Meaningful silences: resonances between literature and medicine in the literary fiction of Manuel da Fonseca	219-234
Pedro Álvarez-Cifuentes – “Hum nacido infante lusitano”: Diogo Ferreira Figueiroa's <i>Jardim de Fanimor</i>	235-252
Miguel Ángel Buil Pueyo – Fialho de Almeida, a real connoisseur of Spanish culture	253-277

Book Reviews

- Leonor Martins Coelho** – *Pensardiverso*. Nº 6 – *Identidades*.
Revista de Estudos Lusófonos (Direcção Científica de Celina
Martins), Universidade da Madeira e Centro de Estudos
Regionais e Locais, setembro de 2018 281-286
- Xosé Manuel Dasilva** – Luís de Camões, *Comédia Filodemo*,
Genève, Centre international d'Études Portugaises de Genève,
2018, 354 pp. *Edizione critica a cura di Maurizio Perugi* 287-291
- Inês Americano Lopes** - Pombo, Antón. (2018). *Guia do Caminho
Português de Santiago* (1ª edição). Santiago de Compostela:
Através 291-294
- Adriana Martins Frias** – Antonio Sáez Delgado y Santiago Pérez
Isasi, *De espaldas abiertas: relaciones literarias y culturales
ibéricas (1870-1930)*, Granada, Editorial Comares, 2018 295-298
- Standards of publication** 299-303

Naufrágio e identidade nacional

Shipwreck and national identity

João Medina

Professor catedrático jubilado de História
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
joamedina@netcabo.pt

Limite: Sendo o Portugal atual um país de naufragos, como sugere o romance, qual terá sido o “erro” histórico coletivo de onde nasceu esta condição?

João Medina: Eu diria que Portugal não é um país de naufragos, foi um país de naufragos. No período em que foi escrito este livro, em 2004-2005, atravessávamos uma situação difícil e estava extremamente pessimista em relação a Portugal, o que se traduz numa visão de Portugal como um país de naufragos e num empenho em comparar a nossa aventura passada com a nossa situação presente.

Os naufragos têm a ver com a viagem marítima porque este livro é, antes de mais, uma reflexão sobre o grande mito português, o mito das viagens, das descobertas e, concretamente, da viagem de Vasco da Gama. Uma das cenas principais é o discurso de Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama, quando chega à Índia e tem de explicar ao Catual, a entidade política importante da região à qual chegaram os portugueses, o que é Portugal. Em vez de ter o discurso de Camões, um discurso da ufania acerca da grandiosidade de um país, tem um discurso satírico, que consiste na denúncia de uma viagem falhada e de um naufrágio. Convém não esquecer que Camões publicou o seu livro em 1572, oito anos antes de Filipe II conquistar Portugal.

Naufragos do Mar da Palha pretende ser uma sátira de Portugal e uma descrição da metáfora do naufrágio que utilizo no título. Esse naufrágio é um naufrágio de várias pessoas, de imigrantes que vêm para Portugal, como por exemplo o indiano que vivia em Moçambique e que, depois de ser perseguido, veio para Portugal com o seu cozinheiro e comprou um café. É aí que se reúnem uma série de alunos de um professor de liceu reformado.

Depois do 25 de Abril, da revolução portuguesa, tínhamos entrado numa espécie de período negativo e este livro reflete um pessimismo profundo, que se exprime através da sátira. Apresenta-nos a situação do período em que o escrevi e em que Portugal podia ser descrito pela famosa frase de James Joyce no *Ulisses*, quando Dédalo, a certa altura, diz: “a História é um pesadelo do qual eu gostaria de acordar”. Não se pode acordar do pesadelo da História, o máximo que se pode fazer é culpá-la. Por isso resolvi contar como é que nos tínhamos perdido e como é que isso se tinha traduzido numa espécie de desânimo, através duma série de figuras. Essas figuras são, antes de mais, o narrador, o professor que “dá aulas” aos sábados de manhã, num café inventado, junto a uma estátua de Neptuno, rei dos terremotos e das tempestades e inimigo de Ulisses. De certo modo, é o inimigo da nossa aventura colonial e de toda a nossa aventura marítima. Portanto, há uma série de símbolos e de metáforas que têm que ver com o naufrágio e com o facto de as pessoas que ali se reúnem estarem a falar do fim histórico de Portugal, do fim da nossa aventura e do naufrágio português.

Para além do narrador e dos alunos, que são portugueses, no café Mar da Palha também se encontram dois imigrantes, o indiano que já referimos e uma ucraniana, melhor dizendo, uma russa da Ucrânia. Quando a Ucrânia se torna independente, os russos da Ucrânia são expulsos e começa um dos dramas do país. Só se fala dos ucranianos que foram vítimas dos russos, soviéticos em especial, mas neste caso é o contrário, trata-se de uma russa que vive na Ucrânia. A partir da independência da Ucrânia e depois de a língua oficial deste país passar a ser ucraniano e não russo, ela sente-se na necessidade de ir embora e é por isso que vem para Portugal.

Nesse café, o que as personagens fazem é discorrer sobre a desgraça portuguesa, o fim do império, o fim da aventura e o contraste enorme entre uma nação ao mesmo tempo cheia de aventuras, mas que tinha entrado naquilo a que podíamos chamar um período de decadência e de desânimo. Devo reconhecer que o livro é, nessa medida, extremamente satírico e está imbuído de um pessimismo que a mim próprio me surpreende. Hoje vivemos uma experiência política extremamente positiva, que me deixa muito contente e cheio de esperanças em relação ao futuro. Como autor, estou muito distanciado deste livro e do pessimismo que ele manifestamente e excessivamente revela.

Limite: A autoimagem dos portugueses como náufragos pode ser entendida como uma busca de um efeito regenerador, uma provocação?

João Medina: Há, neste livro, um certo sentido intencional ligado a um outro elemento que é constitutivo não só do livro como do seu autor: a relação com o judaísmo. Sou de uma família judia e a relação com o judaísmo leva-me a ter em relação a Portugal por um lado uma grande simpatia pelos judeus portugueses e, por outro, uma grande preocupação com tudo aquilo que se prende com o cripto-judaísmo, com as pessoas que, não podendo assumir-se como judias, passavam por cristãos novos. Em relação ao Estado de Israel, devo dizer que sou um crítico extremamente feroz da situação política que é imposta aos árabes, aos palestinianos, pelo regime de Netanyahu. Também posso dizer que sou um crítico em relação ao judaísmo, mas assumindo a tradição e o estrangeirismo de uma família que é portuguesa e também judia, conseguindo situar-se numa dimensão histórica de “cristãos novos” ou de marranos. Este aspeto pareceu-me importante porque está presente na construção do livro.

Nas conversas ocorridas no café Mar da Palha, existem duas dimensões: um sentido simbólico de mar de inércia, mas também um mar onde se discute a História, o passado e o fim da aventura marítima e uma situação de um país que, aparentemente, está naufragado.

Limite: A ficção *Náufragos do Mar da Palha* encoraja permanentemente à reflexão sobre a realidade portuguesa. Conseguiu Portugal salvar-se do naufrágio, apesar dos fortes ventos contrários representados pela pressão económica que a Europa exerceu, através da Troika?

João Medina: Como historiador, uma das minhas preocupações constantes é mostrar o que há de positivo e o que nós conseguimos construir apesar de alguns fracassos históricos como, por exemplo, os quase três séculos de Inquisição. Mas um romancista, como é o caso de Eça de Queirós n’*Os Maias*, não tem de provar tudo o que escreve, apesar de poder dar-nos uma contextualização histórica extremamente importante. A leitura de Eça é sem dúvida muito relevante para quem estuda o século XIX português, mas a construção do romance assenta noutra base. No caso de *Náufragos do Mar da Palha*, há que separar a História e o romance num aspeto importante e muito evidente neste livro: a forte tendência para a sátira e para a caricatura. O historiador está obrigado à ética da verdade, à ética dos limites. Não pode considerar que o seu país faliu, ou que está naufrago, porque isto seria uma espécie de convite ao suicídio ou à desistência ética, à desistência

da ação política, algo de que seria incapaz. Mas, se um historiador está obrigado a certos limites e a certos pressupostos éticos e ético-gnosiológicos inultrapassáveis, a verdade é que o romancista aí goza de total liberdade e pode exercer toda a sua imaginação e todo o seu sentido satírico. Sobretudo quando se tem alguma paixão, não podemos deixar de aproveitar certas cenas para dar largas ao sentido satírico e ao prazer da sátira e da caricatura.

Limite: A identidade portuguesa é ameaçada pelos reveses da história ou integra-os na sua lista de imagens de marca?

João Medina: É claro que este livro é também uma reflexão sobre a identidade nacional, que trato no livro *Portuguesismos*, nomeadamente sobre a figura do Zé Povinho, o homem popular, o totem nacional que é um homem satírico, sem discurso e sem uma grande cultura, mas possuidor de uma fala gestual e obscena que é extremamente sincera. Recorri mais àquilo a que posso chamar elementos de identidade assumidos através da sátira e creio que o português, excetuando algum lado de melancolia, é extremamente satírico. Neste livro, entrego-me àquilo que na História nunca poderia praticar, que é a auto-caricatura e a sátira do português enquanto tal, da identidade nacional vista nos seus aspetos mais grotescos e mais caricaturáveis. Portanto, creio que a necessidade de separar claramente aquilo a que podemos chamar “o que é a História” e “o que é romance” foi respeitada no sentido em que pude fazer algo que com o estatuto de historiador não poderia fazer sem problemas de consciência. O romancista faz o que quer e o único critério que se lhe pode imputar é se a sua sátira é excessiva ou sem graça. Isso já são critérios de ordem exterior aos critérios éticos, às linhas vermelhas que a História severamente estabelece como limites a partir dos quais não podemos ir.

Limite: Estará a própria Europa a naufragar entre o “bloco Trump” e o “bloco China”? O naufrágio seria uma boa metáfora dos tempos, na atualidade?

João Medina: Eu creio que neste exato momento em que fazemos as eleições europeias, estamos todos, como europeus que somos, preocupados. Creio que atravessamos um período difícil, no sentido em que estão a aparecer tendências populistas, elementos neo-fascistas que são extremamente perigosos. Como homem que combateu a ditadura de Salazar e que se expatriou em França, sinto-me preocupado porque, embora a nossa situação em Portugal do ponto de vista político e em relação às eleições europeias me deixe relativamente tranquilo, estou

preocupado em relação à Europa como um bloco. Vejo com apreensão certas nações e certos partidos como na Itália, na França, na Holanda ou, inclusivamente, em Espanha, onde estão a aparecer fenómenos que nenhum de nós consideraria possível que ressuscitassem. É o caso do falangismo em Espanha, da experiência italiana e de Marie Le Pen em França, para citar alguns. Ou seja, há um regresso a ideais e atitudes que me parecem inaceitáveis numa Europa que se quer constituir cada vez mais de forma englobante, harmoniosa e progressista. Essas ressurgências lamentáveis são de deplorar e oxalá sejam eliminadas progressivamente pela concorrência leal dos ideais europeus.

Limite: Portugal seria “uma espécie de triângulo das Bermudas onde tudo desaparece e se dissolve, onde todos naufragam, nesta longa história trágico-marítima que é a crónica dos feitos lusitanos, desde o Afonso Henriques aos nossos dias” (p. 309). Em que ponto estamos neste momento?

João Medina: Esta situação é um dos exemplos do pessimismo deste livro, de maneira muito manifesta. Eu não subescreveria isto hoje como historiador, nem sequer como romancista faria este retrato. Esta obra é sem dúvida uma obra muito negativa e obedece ao tal paradigma enunciado na imagem de Joyce de que a História é um pesadelo de que eu quero acordar. Creio que a minha tendência para a caricatura levou-me a exagerar e hoje, quando releio essas passagens, fico com a sensação de que exagerei manifestamente e que nada justifica considerarmos que estamos numa espécie de Triângulo das Bermudas. Olhando para os anos que passaram e para a situação atual e provavelmente para o que vai acontecer depois das eleições europeias, creio que não há razões para esta amargura e para esta sensação tão pessimista numa História que não é tão negativa como parece: desde Afonso Henriques até aos nossos dias houve reis excelentes e reis péssimos, regimes bons e regimes péssimos, houve instituições odiosas, mas creio que nada justifica que quem tente descrever o Portugal de hoje num romance, sinta necessidade de ser tão amargo, tão negativista e tão crítico como eu fui neste livro. Escrevi um romance bastante mais alegre chamado *Memórias do gato que ri*, em que, talvez por inspiração do homem que serve de ponto de partida para esse romance, Lewis Carroll, e talvez por inspiração do gato, que é uma figura irónica e engraçada, tenho uma visão sempre satírica, mas nunca pessimista e sobretudo não negativista do meu país nesta comunidade ibérica a que pertencemos. Creio que temos um papel positivo a desempenhar, tenho

a esperança de que possamos viver anos de crescimento, de progresso e de liberdade, sem dúvida, indiscutível.